

ANTÓNIO JOSÉ GOMES MACHADO

Crê
sempre
no *amor*

Biografia de
Santa Isabel da Trindade



PAULUS

INTRODUÇÃO



E escrever a biografia de Santa Isabel da Trindade foi uma tarefa árdua, mas de profunda alegria, na qual, durante muitos meses, dia a dia, nos momentos livres que ia tendo, me sentava à secretária, com os seus escritos e as outras fontes que consultei, e ia mergulhando na intimidade desta jovem santa carmelita, revivendo a sua vida. Foi como que fazer uma viagem no tempo e no espaço. Via-a tão próxima, tão nítida e real, que era como se participasse também nos vários acontecimentos da sua vida e ela interagisse comigo. Pude, sem sombra de dúvida, sentir a presença da Isabelinha junto de mim, de forma muito intensa, a acompanhar-me neste trabalho.

Conheci Isabel da Trindade em 1984, no ano da sua beatificação. Eu tinha 13 anos e, imediatamente, surgiu entre nós uma ligação muito forte que nunca mais cessou.

O primeiro contacto que tive com ela foi através das suas fotografias e da leitura de pensamentos retirados dos seus escritos, os quais me deixaram apaixonado. Contemplar o seu retrato foi uma experiência indescritível e que não consigo traduzir em palavras. Apesar de a fotografia ser estática e a preto e branco, a verdade é que os olhos negros de Isabel e o seu olhar profundo fizeram-me perceber uma realidade insondável, que eu próprio não conseguia explicar. Via nela a presença de Deus e, mesmo sem conhecer na altura a sua vida, compreendia que o seu olhar traduzia uma misteriosa intimidade com o divino. A verdade é que sempre que olhava para a Isabel sentia-me de tal modo atraído que era como se contemplasse o próprio Deus através dela.

Tal como me sentia seduzido e apaixonado por Jesus desde a minha infância, no auge da minha adolescência, a descoberta de Isabel da Trindade foi uma agradável surpresa, porque via e sentia que também ela era totalmente seduzida e apaixonada por Jesus. Não duvidei, nem um segundo, que era uma santa. Acabara de ser beatificada, mas, para mim, no meu coração, ela já estava canonizada.

Este amor “à primeira vista” traduziu-se num crescente interesse em querer conhecer mais sobre ela. Nessa época, lembro-me de ir poupando as moedinhas do dinheiro que os meus pais me davam para comer na escola e comprar o material que necessitasse (não havida cá mesadas...), a fim de comprar o livro *Procuro-te desde a aurora*, o álbum fotobiográfico de Isabel da Trindade, que naquele tempo foi muito caro, e que fez as minhas delícias. Seguiram-se outros livros. Quando, em 1989, fui ao Rio de Janeiro de férias, para visitar a família, ao ir a uma livraria católica, encontrei uns livros sobre ela que não havia em Portugal. Comprei-os logo e, se não fosse por mais nada, pareceu-me que a longa viagem até terras de Vera Cruz já tinha valido a pena só por isso.

Com o passar dos anos, fui adquirindo e lendo tudo o que encontrava sobre Isabel da Trindade e, sobretudo, os seus escritos espirituais. Comecei por ler as *Obras Completas* em francês, até à publicação da tradução portuguesa em 2006. A leitura, atenta, assimilada e meditada, e o estudo dos escritos de Isabel da Trindade fizeram que a nossa amizade se fortalecesse ainda mais. Encantava-me esta jovem, sobretudo na minha juventude, bonita, elegante, coquete, uma artista, pianista, amante da natureza, viajada, que parecia conciliar na perfeição a vida normal de uma jovem do seu tempo, com todas as amizades e vida social, com uma oração intensa e forte experiência espiritual.

Ao contrário de outros santos, Isabel sempre me pareceu muito humana, nela não via aqueles exageros de outrora das clássicas

hagiografias dos santos, mas uma jovem moderna, terna, simpática, boa comunicadora, com uma imensa capacidade de amar e um desejo profundo de Deus.

No testemunho da sua vida e da sua rica experiência espiritual, eu revia os meus próprios anseios, o meu desejo de mergulhar cada vez mais em Deus, para viver na sua intimidade pela oração contínua.

Como ela, também eu fui “seduzido” pelo Senhor desde a minha infância e só encontrava descanso n’Ele, experimentando o *«demasiado grande amor»* (cf. 2,4) com que Deus me amou, ama e amará, através do seu Filho Jesus Cristo.

Na minha sede de contemplação, com Isabel aprendi que *«mesmo no meio do mundo pode-se escutá-l’O no silêncio de um coração que não quer ser senão para Ele!»* (C 38). Que a oração contínua é possível.

Quando eu tinha 20 anos, quase a fazer os 21, na resposta a uma carta minha, a Irmã Marie-Michelle de la Croix, carmelita descalça no Carmelo de Dijon-Flavignerot, enviou-me uma estampa com a fotografia de Isabel antes de entrar no Carmelo e que, no verso, tinha uma parte da NI 5, dizendo: *«Aqui lhe envio uma imagem de Isabel e uma oração que escreveu quando tinha a sua idade»*. De facto, esta estampa e aquela bela oração fizeram as minhas delícias e a minha felicidade, e foram o clímax da nossa amizade. Percebi naquela altura que eu, jovem estudante universitário, também podia ser, como ela, um contemplativo, refugiar-me na *«cela do meu coração»* e aí encontrar o *«Mestre»*, *«Jesus, meu Bem-Amado»* (NI 5). Se ela foi uma leiga contemplativa e viveu como uma verdadeira carmelita, mesmo antes de ingressar no mosteiro, eu também podia. Amiga, companheira, Isabel desafiava-se sempre mais. Os conselhos que ela dava aos seus amigos, através das suas cartas, eram como se fossem para mim: *«Uma carmelita é uma alma que olhou o Crucificado, que o viu oferecendo-Se como vítima ao Pai pelas almas e, recolhendo-se sob esta grande visão da caridade do Cristo, compreendeu a paixão de amor da sua alma, quis dar-se como Ele!... E na montanha do Carmelo,*

no silêncio, na solidão, numa oração que nunca acaba, pois continua através de tudo, a carmelita vive já como no céu: “de Deus só”. [...] Este Céu vem consigo na sua alma, e já pode ser carmelita, porque, à carmelita, é de dentro que Jesus a reconhece, quer dizer pela sua alma» (C 133).

Isabel ia repetindo-me: «*Não sejas uma alma banal*» (C 65); «*Crê sempre no Amor*» (C 269); «*Sê o seu paraíso nesse país onde Ele é tão mal conhecido, tão pouco amado, abre o teu coração de par em par para O hospedares, e depois aí, na tua pequena cela, ama!...Ele tem sede de amor...*» (C 210); «*Ele não quer que haja tristeza alguma na tua alma...*» (C 145); «*Marca tudo com o selo do amor!*» (C 333); «*Ele ama as criancinhas; façamo-nos a sua criancinha e deixemos que nos leve ao colo*» (C 222); «*É preciso riscar a palavra “desânimo” do teu vocabulário de amor...*» (C 298); «*Confia em que Ele te ama, e que também é Ele próprio que te quer ajudar nas lutas que tenhas de travar. Crê no seu amor, naquele demasiado grande amor*» (GV 11); «*Não temas, mantém-te por inteiro na paz do santo Deus, Ele ama-te e vela sobre ti como a mãe sobre o seu filhinho*» (C 175); «*Encontramo-l’O no sono como na oração, porque é sempre Ele, em tudo, por todo o lado e sempre!*» (C 111); «*Parece-me que nada diz mais o amor que está no Coração de Deus do que a Eucaristia: é a união, a consumação, é Ele em nós, nós n’Ele*» (C 165).

Ela tornou-se, assim, para mim, uma mestra espiritual, incitando-me a aprofundar mais o mistério trinitário: «*A Trindade, eis a nossa morada, o nosso “lar”, a casa paterna donde nunca devemos sair*» (CF 2). Foi despertando em mim o desejo de ser, também como ela, aqui e por toda a eternidade, um verdadeiro «*Louvor de glória*»: «*Ao partir, lego-te esta vocação que foi a minha no seio da Igreja militante e que, a partir de agora, hei de cumprir sem cessar na Igreja triunfante: “Louvor de glória da Santíssima Trindade”*» (DA 5).

Rezar a NI 5 e a famosa oração «*Ó meu Deus Trindade que eu adoro...*» passou a ser uma prática recorrente, na qual alimentava a minha fé.

Em 2010, tive a graça de poder ir pela primeira vez a Dijon e a Flavignerot. Era a realização de um sonho que vinha desde

a adolescência: visitar a terra de Isabel, rezar junto dos seus restos mortais na Igreja de Saint-Michel e conhecer o Carmelo de Dijon, que no final dos anos setenta mudou para Flavignerot. Foram lágrimas e mais lágrimas de emoção, de alegria e de agradecimento por Deus me ter concedido tal graça. O certo é que vivi tão fortemente esta experiência que acabei por contagiar todos os participantes desta viagem-peregrinação por várias cidades de França e Suíça, tendo eles considerado como um dos pontos altos da viagem a passagem em Dijon e a celebração da Eucaristia no Carmelo com a comunidade das Irmãs.

Em 2016, trinta e dois anos depois de ter conhecido Isabel e da sua beatificação, o Papa Francisco assinou o decreto para a sua canonização. Mal foi divulgada a data, comprei imediatamente o bilhete de avião e marquei o hotel em Roma. Não podia faltar a esse acontecimento. Foi algo muito marcante na minha vida. Que emoção, que alegria e quantas bênçãos de luz e amor pude experimentar nas várias celebrações da canonização de Isabel da Trindade em que tive a graça de participar. Ela, finalmente, não estava apenas canonizada no meu coração, mas entrava para o cânone dos santos da Igreja Universal.

No ano seguinte, em 2017, fui novamente a Dijon e passei uns dias no Carmelo de Flavignerot, não só para rever os lugares isabelinos, mas para dar início às investigações para escrever a biografia de Santa Isabel da Trindade, que agora, finalmente, ficou pronta. Foi tempo para rever as queridas Irmãs do Carmelo de Dijon-Flavignerot, rezar com elas e viver uns dias no silêncio, na intimidade com Deus e Isabel. Pude reencontrar o Theodore Chevignard e conhecer o seu irmão, Bernard Chevignard, ambos sobrinhos-netos de Santa Isabel da Trindade, os quais me ajudaram muito para a realização desta obra e a quem sou muito grato.

Tendo ido às fontes e organizado a informação, foi tempo de começar a escrever a presente biografia. Certamente que terá

lacunas e poderia conter mais pormenores, contudo, foi realizada com todo o rigor histórico que se impõe e procurei que fosse o mais completa possível, de acordo com a bibliografia de que dispunha.

Abundam as citações dos escritos de Isabel, para que seja ela mesma a dar-se a conhecer.

A recolha dos vários relatos das testemunhas diretas que conheceram e conviveram com Isabel enriquece a obra e permite assegurar a veracidade da história da jovem santa dijonesa.

O facto de dar a conhecer um pouco a vida da sua irmã e dos seus sobrinhos (apenas conheceu as duas mais velhas) deve-se à preocupação de demonstrar que Isabel é profundamente humana, com uma família que continuou e continua a ser uma parte da sua história. Os santos não são seres extraordinários, super-heróis isolados e autossuficientes, mas homens e mulheres comuns, em nada diferentes de nós, mas com uma imensa capacidade em amar e de se deixarem amar pelo Deus-Amor.

O livro é composto por vinte e seis capítulos: vinte e quatro capítulos sobre Isabel e os dois últimos sobre Margarida, a sua irmã mais nova e sua discípula.

Seguem-se os anexos para um conhecimento e compreensão mais profundos da vida de Isabel, nos acontecimentos, na família, na comunidade, e também da sua espiritualidade.

Em apêndice, seguem as homilias das cerimónias solenes de beatificação e canonização de Isabel.

Além de dar a conhecer a vida e um pouco da sua mensagem, o mais importante e o principal objetivo desta obra é despertar nos leitores o interesse em conhecer mais Isabel, através da leitura das suas *Obras Completas*, para que, através dela, possam fazer uma forte experiência de intimidade com Deus e se deixem conduzir pelos caminhos da interioridade.

Santa Isabel da Trindade é uma das minhas grandes amigas que no Céu intercede por mim e reza por mim e comigo.

Desde a eternidade, ela continua a sua missão «*de atrair as almas ajudando-as a saírem de si mesmas para aderirem a Deus por um movimento muito simples e todo feito de amor, e de as guardar nesse grande silêncio do interior que permite a Deus imprimir-Se nelas, transformando-as em Si próprio*» (C 335).

Todos somos convidados a aproximarmo-nos dela e tomá-la como intercessora, já que, antes de morrer, ela prometeu atender todos os que a ela recorressem e a ensinar-nos a viver no Amor: «*Acreditai que no além, no Braseiro do amor, pensarei ativamente em vós. Se o desejardes, pedirei por vós, e será este o sinal da minha entrada no Céu, uma graça de união, de intimidade com o Mestre; foi isso que fez da minha vida, confio-vos, um Céu antecipado: acreditar que um Ser chamado Amor habita em nós a todo o instante do dia e da noite e que Ele nos pede para vivermos em sociedade com Ele, para recebermos de igual modo, como vindo diretamente do seu amor, todas as alegrias, assim como todas as dores; isto eleva a alma acima do que passa, do que mói, e fá-la repousar na paz, na dileção dos filhos de Deus*» (C 330).